

‘A Cor Púrpura, o Musical’ encerra temporada no Rio com uma história de resistência que ganhou o mundo

RAFAEL LIMA

Há histórias que não terminam quando as cortinas se fecham. Permanecem na memória, provocam reflexões e encontram novas maneiras de dialogar com o presente. É o que acontece com “A Cor Púrpura, o Musical”, que encerra neste domingo (25) sua quinta temporada no Rio, no Teatro Multiplan, no Shopping VillageMall. A montagem reafirma a atualidade de uma obra que transforma sofrimento em resistência e silenciamento em voz.

No centro dessa jornada está Celie, interpretada por Suzana Santana. Mulher negra no sul dos Estados Unidos da primeira metade do século XX, ela cresce nem meio violento nem opressor no qual não havia ‘possibilidades de escolhas. Separada da irmã Nettie, vivida por Lola Borges, e submetida a um casamento com Mister, personagem de Wladimir Pinheiro, Celie precisa percorrer um longo caminho até descobrir que sua existência não se resume

às imposições que lhe foram feitas.

Essa transformação ganha força nos encontros com mulheres que desafiam as regras de seu tempo. Sofia, interpretada por Flávia Santana, e a cantora Shug Avery, vivida por Aline Serra, ajudam a protagonista a reconhecer outras possibilidades de afeto, autonomia e liberdade. E sua história troca a dor e a melancolia pela agradável sensação do recomeço.

Baseado no romance de Alice Walker, publicado em 1982, o musical aborda questões que atravessam gerações: racismo, machismo, abuso de poder e violência contra a mulher. A obra literária rendeu à autora o Prêmio Pulitzer de Ficção, tornando-a a primeira mulher negra a conquistar a distinção. No palco, essas questões ganham corpo e emoção por meio de uma trilha que mistura gospel, blues, jazz e ragtime, acompanhando as diferentes fases da vida de Celie.

A trajetória da obra também passou pelo cinema, em uma adaptação dirigida por Steven Spielberg, em 1985, indicada a 11 Oscars, e chegou à Broadway



Suzana Santana dá vida à protagonista Celie

em formato musical. Em 2015, uma nova produção conquistou o Tony Award de Melhor Revival de Musical, contribuindo para as muitas montagens encenadas mundo afora

Nesta versão brasileira, a direção geral e a concepção original são assinadas por Tadeu Aguiar, responsável por levar o espetáculo aos palcos nacionais em 2019. A montagem reúne 18 atores, 90 figurinos, palco giratório de seis metros e uma estrutura cênica que amplia o impacto visual da encenação. Desde a estreia, acumula mais de 100 prêmios, indicações e honrarias, além de passagens por diferentes cidades do país.

Para Aguiar, a escolha da obra também foi uma decisão artística e humana. O diretor destaca a importância de contar uma história sobre uma mulher que vence, sobre a representatividade negra e feminina e a capacidade de emocionar sem abrir mão do humor.

SERVIÇO

A COR PÚRPURA

Teatro Multiplan (VillageMall - Av. das Américas, 3.900 - Piso SS1 - Barra da Tijuca)
Até 25/10, quinta e sexta (20h), sábado (16h e 20h) e domingo (15h30 e 19h30)
Ingressos entre R\$ 60 e R\$ 360

Mulheres com muito a dizer

‘Palavras de Mulher’ promove encontro entre Clarice Lispector, Hilda Hilst, Carmen da Silva e Eneida de Moraes

O Teatro Gláucio Gill, em Copacabana, recebe até o dia 30 “Palavras de Mulher”, espetáculo que imagina um encontro entre Clarice Lispector, Hilda Hilst, Carmen da Silva e Eneida de Moraes. Nesse encontro impossível as quatro escritoras já mortas se reúnem numa “Biblioteca do Paraíso” para conversar sobre infância, juventude, maturidade e finitude.

O texto e a trilha sonora são da escritora e poeta Rachel Gutiérrez, e a direção artística é de Sérgio Fonta, ator e presidente da Academia Carioca de Letras.

No palco, Laura Proença interpreta Clarice Lispector; Helga Ne-

metik vive Hilda Hilst; Beth Lamas representa Carmen da Silva; e Izabella Bicalho assume Eneida de Moraes. Em temporadas anteriores, Carmen pertencia a Stella Maria Rodrigues — a passagem pelo Gláucio Gill marca a estreia de Beth Lamas na montagem.

A escolha das quatro figuras permite mapear experiências literárias e públicas diferentes. Clarice Lispector construiu uma obra marcada pela investigação da subjetividade; Hilda Hilst transitou pela poesia, pela ficção e pelo teatro; Carmen da Silva atuou como escritora e jornalista; Eneida de Moraes teve trajetória



‘Palavras de Mulher’ repune quatro cabeças pensantes numa reflexão sobre o universo feminino

ligada à literatura, ao jornalismo e à militância. As personagens revisitam, na biblioteca imaginária, suas vidas e seus trabalhos.

“Elas já não habitam o nosso

mundo. No entanto, habitam para sempre o nosso universo de ideias, sentimentos, conhecimentos e emoções”, destaca Fonta cuja direção de Fonta integra elementos presenciais e virtuais. Os figurinos de época são de Wanderley Gomes, e a seleção musical de Gutiérrez passa por Claude Debussy e Chiquinha Gonzaga.

SERVIÇO

PALAVRAS DE MULHER

Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº - Copacabana)
Até 30/10*, quintas e sextas (19h)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia). *Acessibilidade em todas as sessões: Libras, audiodescrição e equipe de atendimento a pessoas com deficiência física ou cognitiva